

O CAMINHAR COMO HETEROTOPIA ÍNTIMA

WALKING AS INTIMATE HETEROTOPY

Maria Eugênia Matricardi / UnB

RESUMO

A escrita nesse artigo se com-funde com ensaio poético autobiográfico. Esta zona de indeterminação tece caminhos pela cidade, propondo o caminhar como prática estética, formas de heterotopias (FOUCAULT, 2013), corpo-cidade como lugar de fronteiras (BHABHA, 1998; ANZALDUA, 2010), fazendo a transposição do íntimo para o político.

PALAVRAS-CHAVES: caminhar, heterotopia, íntimo, político, fronteira.

ABSTRACT

The writing in this article con-fuse with autobiographical poetic essay. This zone of indetermination weaves paths through the city, proposing walking as aesthetic practice, forms of heterotopy (FOUCAULT, 2013), body-city as a place of borders (BHABHA, 1998; ANZALDUA, 2010), transposing the intimate to the political.

KEYWORDS: *walking, heterotopy, intimate, political, frontier.*

Brasília, tarde seca de inverno pós-golpe.

Um pé, depois o outro, nada mais. Caminho. Bipedismo, consciência insistente junto aos passos. A sola do sapato encarde com poeira vermelha. Depois de alguns passos, os pés desejam tocar a grama, sentir a textura da terra, desencapsular-se da domesticação que esquenta os pés: próteses que os isolam da relação com os riscos de cacos de vidro asfalto quente, esgoto a céu aberto, acolhendo-os de forma gentil por um lado, gerando certa anestesia por outro. Fico em dúvida se gosto ou não de sapatos. Abandono-os por um momento: pele a sentir a pele da cidade: piso no chão.

Abro caminhos de rato pela grama entre quadras: desvios cotidianos; percurso trilhado por pés orientados por desejos; invenção de calçada inexistente contradizendo projetos urbanistas; apropriação de percursos que não existem para pedestres sugerindo lugares possíveis (ROLNIK, 2006); política íntima. Estar entre, entrar em lugares onde me fujo do esquadrinhamento desenhado. As calçadas sequestradas são reabertas como pequenas trincheiras efêmeras pela grama desbastada; ficam à espera da próxima chuva ao rebrotar nos sulcos rasos cavados pelos pés. Re-existência nas veias da urbe. Quase nada a refazer os traços que esboçam a cidade em sensibilidades passantes.

Não será com os mesmos corpos construídos por afetos que até agora sedimentaram nossa subserviência que seremos capazes de criar realidades políticas ainda impensadas. Mais do que novas ideias, neste momento histórico no qual a urgência de reconstrução da experiência política e a necessidade de enterrar formas que nos assombram com sua impotência infinita se fazem sentir de maneira gritante, precisamos de outro corpo. Para começar outro tempo político, será necessário inicialmente mudar de corpo. Pois nunca haverá nova política com os velhos sentimentos de sempre (SAFATLE, 2015, p. 37).

O poder não discute a cidade, não escuta a multiplicidade, seus desejos. Para reabilitá-la, torcendo contornos projetados, seria preciso outro corpo, um corpo capaz de reinventá-la com poesia materialista. Talvez seja essa a importância dos gestos urbanos, ações na cidade que suspendam algumas relações de poder para tecer outros espaços, torná-los lugares de vitalidade e compartilhamento: abrir ciclovias onde não existem, fazer hortas comunitárias, ocupar espaços abandonados, estar

em relação à, produzir arte, dissenso, surpreender, desviar, gerar outra circulação de afetos e lugares possíveis.

Retomar a vida na cidade com delicadeza. Tornar-se vulnerável à suspensão da cidade na própria paisagem como lugar de encontro: heterotopia íntima como pulsão de uma poética cotidiana. O lugar se instaura para além do espaço, um lugar é recorte de afetos em constante movimento.

No entanto, acredito que há — em toda sociedade — utopias que têm seu lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias (FOUCAULT, 2013, p. 19).

A heterotopia poderia ser uma justaposição da cidade na própria cidade ativada pelo caminhar, frequentando o mesmo lugar como “outro lugar”, *aisthesis* urbana, silenciosa, mínima. Heterotopias e utopias não se anulam, justamente o contrário, elas se complementam. “Poderíamos nos dar ao luxo de não sermos utópicos?” — esta pergunta de David Harvey (2008, p.15) nos traz a imanência necessária da utopia, urgência de torná-las reais. Outras práticas políticas surgem a partir da construção de outros imaginários políticos. Não somente a afirmação do espaço existente e possível, mas a disrupção de outro tempo. Materialização de utopia íntima reconhecida pelo corpo, formas de presenças que se alojam em nós: dobra do lugar com-um, saída de si pela aproximação do espaço com o corpo sem distinção de fora-dentro; corpo-paisagem, nós enredados.

Caminhar acaba despertando em nós esta parcela rebelde, arcaica: nossos apetites ficam grosseiros e irredutíveis, nossos ímpetos inspirados. Porque caminhar nos posiciona na vertical do eixo da vida: arrastados pela torrente que jorra logo abaixo de nós (GROS, 2010, p. 14).

O caminhar insere a lentidão nos fluxos da cidade. Um momento de pausa como contra fluxo à lógica de controle tecnicista. Contemplar em profundo diálogo com a subjetividade movediça da urbe, perceber frestas injetáveis do improvável que nos surpreende. Estar em silêncio interno em contraposição ao excesso de ruídos; pausar ao invés de cruzar as vias compulsoriamente; ter o corpo em com-tato com o sol, o vento, respingos de chuva, sentir o cheiro da terra, esgoto, degustação olfativa ora agradável, ora desagradável: o sovaco da cidade cheira à fumaça. Barricadas ou

espaços de lazer ativados de improviso surgem, mesmo no imprevisível, a partir de uma relação íntima com a cidade. Entendê-la como corpo complexo que reabsorve seu próprio corpo com fluxos psíquicos e humores diferenciados. Precisamos de outro corpo, outros afetos para constituir outra política, nós e ela.

Não se caminha para chegar logo. Caminhar nos faz olhar para a cidade, parar, reparar. Habito o caminho. A morada é onde estou. Onde estou pode ser qualquer lugar. Não tendo a casa como foco individualista, a noção de lar se alarga, posso ser hospeda [sic.], hospedeira, acolher e ser acolhida pela cidade. Nesse sentido, a utopia, lugar-sem-lugar como sensibilidade nômade, mergulha em nossas próprias heterotopias.

O caminho aberto me abre ao encontro à outridades que se tocam no limiar do silêncio. Multiplicidade de mim, eu comigo-outra, a conversar sobre aquilo que habita o percurso, sentindo a ativação dos músculos e pequenas dores em determinados momentos. Converso com o nervo ciático, afago a perna esquerda para convencê-la de mais possibilidades: vamos juntas? Metros que não se medem pela distância, mas pela qualidade de atenção em relação às coisas. Eu-paisagem, hífen-ponte a sermos via e viagem de imersão, frequentando o outro mesmo. A suposição da cidade continente, pés na terra, contornos conhecidos, naufraga; retomo de assalto o estranhamento psíquico que me havia sido roubado. A cidade se desterritorializa, assim como o corpo, arquipélago movediço, aparece e desaparece com o vazar da maré, encontro com encontro: nada definido: fronteira.

As fronteiras, segundo a perspectiva pós-colonial de Hommi K.Bhabha (1998), aparecem como horizontes enunciativos onde algo começa, não onde algo termina. Zona intersticial, lugar entre.

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: "Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... a ponte reúne enquanto passagem que atravessa" (BHABHA, 1998, p. 24).

As fronteiras, para além de uma zona de demarcação geográfica, se fazem movimentos diaspóricos, de corpos, subjetividades, sexualidades dissidentes, exílios

internos, feridas abertas da pobreza, cosmopolitismos subalternos, cosmologias desconhecidas, etc. Sejam elas geopolíticas, geoteóricas ou geopoéticas, dialogam constantemente com contingências irrepresáveis, evocando o indeterminado, matéria sensível disruptiva capaz de ressignificar camadas históricas de sedimentação simbólica, fundando outro tempo e espaços de narrativas inventadas.

Glória Anzaldúa, teórica feminista, chicana, traduz de forma poética o que seria viver na fronteira:

Quando vives en la frontera as pessoas andam através de você, o vento rouba sua voz, você é uma burra, buey, bode expiatório, precursora de uma nova raça, meio a meio – tanto mulher como homem, nenhum – um novo gênero (ANZALDÚA, 2010, p. 216-217).

A construção de ausências de predicados, na perspectiva feminista de Anzaldúa, se distancia da lógica universalizante e masculina e acolhe a diferença, mas, ao mesmo tempo, ela nega a diferença que essencializa marcadores políticos. Esta fronteira como entre lugar é o que, de forma lúcida, agrega todos estes marcadores para depois centrifugá-los. *La condición mestiza* estilhaça territórios de constituição identitária que correm riscos de se calcificarem, sem deixar de apontar para a violência simbólica que estes marcadores trazem. Nem o hibridismo apaziguador nem a antropofagia que se domestica. Devir que desestabiliza a subalternidade de corpos nomeados como subalternos, encruzilhada.

A mente inquieta vai se dissolvendo nos passos à medida que o ouvido flerta com os sons das cigarras e motores. O corpo percebe a mudança de temperatura na sombra das árvores: são elas estrangeiras a vegetação contorcida do cerrado; promovem com sua adaptabilidade, a hospitalidade das sombras que abraçam os passantes. Ao mesmo tempo em que a cidade guarda certa hostilidade em relação ao caminhar dos pedestres – mais asfalto que calçadas, mais estacionamento que árvores, mais lugares de consumo passivo que lugares de lazer coletivo – a paisagem que compõe a própria cidade restitui uma hospitalidade inventada ao ritmo do corpo.

A geografia do fora se inscreve em nós tal como o corpo reordena a relação sensível no espaço, buscando estar com a paisagem em uma possível alteridade. Cuidar, estar sem finalidade, ao invés de quantificar. Respirar, deixando que a paisagem nos

habite, ao invés de esgotá-la em expectativas funcionais. Esta alteridade guarda em si as tensões de uma proximidade que mostra seus dentes frequentemente, expondo a dificuldade de habitar. Certo dia, em uma caminhada, escutei um cara falar: “quem anda na humildade e na moral entra e sai de qualquer lugar”. Este anônimo é aquele que sabe frequentar. Mesmo à deriva, vagabundo é quem sabe vagar em saber não sabido. Um *ksénos*, estrangeira ou estrangeiro, que não define os códigos *a priori* precisa frequentemente deixar orelhas fitas para escutar a linguagem dos seres, placas e fluxos que atravessa, rasgar-se para dar passagem à alteridade, apreender o mundo ressignificando-o constantemente sem determiná-lo. Quem caminha observando os lugares por onde passa, respeitando esses espaços, desejando que outras pessoas possam fazer o mesmo, se deparam com esse truísmo, sabedoria de rua.

Em contextos políticos conturbados, estados de exceção não nomeados com democracia de baixíssima intensidade, o caminhar em si evoca um caráter subversivo: estar na rua assume lugar de suspeita, vulnerabilidade, e, quando em bando, matilha, assume lugar de protesto, ameaça. Habitar, ser hóspede da cidade (des)vela, pelo interior da palavra e da ação, a hostilidade e hospitalidade.

Andemos. Nós nos deslocamos – de transgressão em transgressão, mas também de digressão em digressão. O que significa esse passo a mais [*pas de trop*], se tanto para o convidado quanto para o visitante a passagem da soleira, do limiar, continua sempre um passo da transgressão? (DUFFOURMANTELLE; DERRIDA, 2003, p. 67).

A transgressão surge como deslimite necessário para o exercício de uma hospitalidade dadivosa, a qual (des)vela os limites da hospitalidade condicionada pela referência, pela linhagem, pela lei do logos patriarcal. Derrida e Duffourmantelle falam de uma hospitalidade para além da hospitalidade, a soleira da porta como imagem que define o limite fora-dentro permitindo a penetrabilidade deste corpo estrangeiro sem que se pergunte seu nome, dizendo sim ao que chega sem predeterminações, sem contrapartida, sem regulações de poder que conectam este corpo ao Estado, à família ou a um território.

É verdade que esta abstração (“venha, entre, fique conosco, não pergunto teu nome, nem se és responsável, nem de onde vens ou para onde vais”) parece mais digna da hospitalidade que oferece o dom sem reservas – e alguns poderiam ainda reconhecer nisso uma

possibilidade de linguagem. O calar-se já é uma modalidade de palavra possível (DUFFOURMANTELLE; DERRIDA, 2003, p. 119).

Permeiar-se de cidade como potência transgressora, transbordamento de hospitalidade em suspensão das leis da hospitalidade, exerce, neste silêncio contemplativo, uma “modalidade de palavra possível” (DUFFOURMANTELLE; DERRIDA, 2003, p. 119), uma forma de linguagem que incide sobre/no/com o espaço como re-existência de lugares a serem reconfigurados.

A rua, se não desterritorializada por alguma forma de suspensão de poder como ações, ocupações, apropriação íntima de espaço público, fica territorializada como espaço da polícia. Contemplar a lua cheia pode ser motivo de suspeita. A noção de esquina como lugar subversivo, ponto de encontro da delinquência, aponta o fora para o lugar das contingências incontroláveis.

Que afetos criam os sujeitos? Pois é necessário mover-se para fora do que nos promete amparo, sair fora da ordem que nos individualiza, que nos predica no interior da situação atual. Há uma compreensão da inevitabilidade do impossível, do colapso do nosso sistema de possíveis que faz um indivíduo um sujeito (SAFATLE, 2015, p. 40).

Retornamos ao nomadismo como questionamento do poder pastoral onde as ovelhas são organizadas e individualizadas pelo pastor, mesmo estando em bando. Fraturar a construção de indivíduo amparado por predicados de representações falidas, às quais insistimos em continuar encenando, importa. Colapsar os circuitos de afetos para atrever-se a outro corpo e elaborar outros possíveis que habitam a “inevitabilidade do impossível” (SAFATLE, 2015, p.40). A segurança do lar se dá da soleira da porta para dentro, rodeada, preferencialmente, por muros, cercas elétricas e câmeras de controle. Entender o corpo como primeira arquitetura que não diferencia a relação entre fora-dentro pode vir a desarticular alguns dispositivos de controle.

Caminho para ser atravessada pela cidade. Mamilos expostos, eriçados pelo roçar delicado do vento.

Que a paisagem oxigene os afetos.

Referências

- ANZALDUA, Gloria. Tradução da poesia “To live in Borderlands means you” em Borderlands/ La Frontera: The New Mestiza. São Francisco, Aunt Lute Books, 2007, p.216-217.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jacques; DUFFOURMANTELLE, Anne. Anne Douformantelle convida Jacques Derrida a falar sobre a hospitalidade. São Paulo, Editora Escuta, 2003.
- FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 editorial, 2013.
- GROS, Frédéric. Caminhar, uma filosofia. São Paulo, Editora Realização, 2010. p. 37-68.
- HARVEY, David. A liberdade da cidade. In: Revista Urbânia, v. 3. São Paulo, Editora Pressa, 2008. Disponível em: <<http://urbania4.org/wpcontent/uploads/2010/10/revista-urbania-3.pdf>> Acesso em: 20/05/2018.
- ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. In: Núcleo de estudos da subjetividade, 2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>> Acesso em: 18/04/2018.
- SAFATLE, Vladimir. O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Editora autêntica, 2015.

Maria Eugênia Matricardi

Maria Eugênia Matricardi é doutoranda em Poéticas Contemporâneas pelo PPG-Arte, Universidade de Brasília, com orientação de Maria Beatriz de Medeiros. Mestra em Arte Contemporânea pela mesma instituição. Atua e pesquisa principalmente em performance e políticas estéticas na América Latina. Integra o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 2011.